

# Nietzsche por suas cartas: a arte musical como forma de saúde e educação de si

*Nietzsche by his letters: musical art as a form of health and education*

Enock da Silva Peixoto<sup>1</sup>

## Resumo

O presente trabalho é parte da tese de doutorado sobre as Cartas de Nietzsche, cujo título é: *As correspondências de Nietzsche e a educação em Assim falou Zaratustra: um processo de educação-estética*. Nessa, estudamos as correspondências que o filósofo trocou com diversos interlocutores durante os anos de 1850 e 1888. Faremos um recorte, dando ênfase nas missivas escritas dentre os anos de 1875 e 1879, período no qual o sofrimento talvez tenha sido o mais intenso na vida do autor. Além da dor física, ocorreu também o processo de saída da universidade e do ginásio e a ruptura com Wagner e Schopenhauer. Situações que causaram enorme descontentamento, mas foram fundamentais para o filósofo produzir a sua obra, para encontrar a superação e recriar a própria vida. O tema da política está implícito nestas cartas, entendemos que ele perpassa as questões abordadas neste momento da vida do filósofo alemão, sobretudo como crítica a um determinado tipo de sociedade doentia, por enfraquecer a capacidade de autodeterminação dos indivíduos; veremos que Nietzsche extrapola a noção de saúde pessoal e se ocupa também com a saúde social, que para ele estava associada a uma forma intensificadora de assumir o existir.

**Palavras-chave:** Sofrimento. Saúde. Doença. Educação. Arte

## Abstract

The present work is part of the doctoral thesis on the Letters of Nietzsche, whose title is: *Nietzsche's correspondences and education in Thus spoke Zarathustra: a process of aesthetic education*. In this one, we study the correspondences that the philosopher exchanged between different interlocutors between the years 1850 and 1888. We will make an excerpt, emphasizing written missives between the years 1875 and 1879, a period in which suffering was perhaps the most intense in life of the author. In addition to physical pain, there was also the process of leaving the university and gymnasium and breaking up with Wagner and Schopenhauer. Situations that caused enormous discontent, but were fundamental for the philosopher to produce his work, to find an overcoming and to recreate his own life. The theme of politics, although not explicit in these letters, we understand that it runs through the issues addressed at this time in the life of the German philosopher, above all as a criticism of a certain type of sick society, as it weakens the capacity for self-determination of individuals; we will see that Nietzsche goes beyond the notion of personal health and also deals with social health, which for him was associated with an intensifying way of assuming existence.

**Keywords:** Suffering. Health. Illness. Education. Art.

---

<sup>1</sup> Doutor em filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ; doutorando em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ; mestre em educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO; integrante como discente do Núcleo de Filosofias da Criação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ (NFC-PPGF-URFJ/CNPq); professor de Filosofia da rede de ensino do Estado da Bahia. Contato: [enock-peixoto@hotmail.com](mailto:enock-peixoto@hotmail.com).

## 1.1 “Correspondências” com o sofrimento<sup>2</sup>

As reflexões a seguir, a partir das correspondências de Nietzsche, evidentemente, não contém relação direta com o momento político e econômico atual; mas entendemos que o modo como o autor lidou com o seu sofrimento pessoal e pensou no aspecto patológico da cultura em que vivia são significativos para nos ajudar a pensar as nossas debilidades e buscarmos alternativas. Veremos o esforço de Nietzsche, para estabelecer um processo de superação de si que perpassa pela necessidade de uma *saúde social*. O que nos remete, dentre outras questões, a pensar: até que ponto o modo dominante de organização da vida é válido? Por qual razão devemos nos esforçar para mantermos uma existência cujos esforços da maioria são para alimentar “os interesses estatais” que Nietzsche combate como formadores de uma falsa cultura, denunciada nas cartas e nas suas *Considerações Intempestivas*, obras que elaborou no período da escrita das missivas em estudo.<sup>3</sup> Acentuemos que muitos estudiosos de Nietzsche utilizam a expressão *extemporâneo* ao se referirem a tais livros, considerando a ideia de que estamos em nosso tempo, mas devemos agir para além dele e até mesmo contra ele: Para Céline Denat “O pensador extemporâneo [...] é aquele que tem a capacidade de pensar de outro modo, de não permanecer ligado àquilo que sua época mais reverencia e àquilo a que se é, sem dúvida, espontaneamente ligado”.<sup>4</sup>

Se o Estado era o “mostro devorador” das potencialidades, tendo em vista os seus interesses egoístas<sup>5</sup>, na atualidade, o *cronos* que nos devora constantemente é “o mercado”; o “deus invisível” que opera a favor de si mesmo ou para um grupo seletivo de indivíduos. O momento atual, dominado pela perda de milhões de vidas por uma pandemia, escancarou atitudes desdenhosas com tais mortes, junto com o minorar do valor da ciência e do

<sup>2</sup> Utilizaremos para fundamentar este texto as cartas do terceiro volume das correspondências de Nietzsche publicado pela editora Trotta em língua espanhola, cujo total configura-se em seis volumes. Seguiremos o modo como o tradutor data e numera as missivas em questão. Salientamos que mesclaremos às citações com dia, mês e ano em que a carta foi escrita e em outros momentos colocaremos apenas o número da carta para não sobrecarregar o texto. Eis a edição: NIETZSCHE, Friedrich. *Correspondencia III* Enero 1875 - Diciembre 1879. Traducción, introducción, notas y apéndices de Andrés Rubio. Editorial Trotta, Madrid, 2009.

<sup>3</sup> As obras que Nietzsche denominou de *Considerações intempestivas ou extemporâneas*, foram elaboradas entre os anos de 1873 e 1876 e figuraram como um “instrumento de guerra” à favor da cultura. O filósofo planejou escrever treze destes textos que no final foram quatro; e são eles: *David Strauss, confessor e escritor; Da utilidade e desvantagem da história para a vida; Schopenhauer como educador e Wagner em Bayreuth*.

<sup>4</sup> DENAT, Céline. A filosofia e o valor da história em Nietzsche. Uma apresentação das Considerações Extemporâneas. Cadernos Nietzsche, n. 26, p. 88, 2010.

<sup>5</sup> Neste período da fase juvenil da filosofia de Nietzsche, ele combateu o uso pragmático da educação tendo em vista os interesses estatais. Nas Conferências *Sobre os nossos estabelecimentos de ensino* e também nas *Intempestivas* é possível encontrar essa crítica.

conhecimento formal; o colocar a funcionalidade do sistema econômico sobre o valor da vida; dentre outras posturas danosas que naturalizam o terror; tudo isto ajuda-nos a pensar sobre o grau de sanidade individual e coletiva presentes na realidade em que vivemos. Neste contexto, consideramos que as reflexões de Nietzsche, a partir das cartas, figuram como um meio de pensarmos a necessidade de nossa sociedade exercer uma “saúde coletiva” e repensar o seu modo de organização. Motivados por tais questões, passemos a avaliar as cartas selecionadas.

A Carta para a marquesa Emma Guerrieri-Gonzaga evidencia uma das manifestações diretas de Nietzsche com questões políticas. Há uma disposição diversa entre a opinião dela e a de Nietzsche e isso fica claro diante de uma correspondência enviada pela interlocutora em 7 de dezembro de 1874. O filósofo agradece a franqueza da destinatária mediante a contestação das teses presentes na *Segunda Intempestiva: Da verdade e do inconveniente da história para a vida* e em *Schopenhauer como educador*, a partir das quais, acusa Nietzsche de antinacionalista e inimigo do Reich. No final da correspondência ele tenta explicar resumidamente qual o sentido que quisera dar para esta última obra: “O caminho da educação schopenhauereana para o indivíduo particular ainda é muito longo, e apenas o que eu ainda tenho que dizer sobre esse caminho – o conteúdo de mais dez *Considerações Intempestivas* [...]”

A crítica à cultura e ao Estado alemão presente nas *Intempestivas* demonstra a necessidade de o indivíduo perseguir a sua singularidade, empenho que o filósofo admite como o *único válido para si*. A perspectiva educativa schopenhauereana soava como um ataque à cultura e ao governo vigente porque vislumbrava um futuro no qual a formação para a autonomia fosse a diretriz. Se a defluência para uma educação pautada nos princípios de Schopenhauer era difícil de alcançar, o que ele aponta como possível de ser dito sobre o tema seria mais trabalho, mais embate consigo e com a cultura, numa expressão: *mais criação*; configurada na produção de outros livros de mesmo teor, pois o propósito naquele momento era produzir treze extemporâneas. O dilema com a amiga sobre questões teóricas é apenas um entre tantos outros que ocorrerão nestas cartas que estamos denominando *cartas da dor e da dissidência*. Será um dos mais intensos períodos de sofrimento “físico e moral”; a cisão de vínculos com amigos próximos, o embate cada vez mais intenso com a solidão e a decisiva separação de Wagner e Schopenhauer, dissensão peremptória para demarcar uma mudança brusca de postura, rupturas imperiosas para constituir uma filosofia singular.

Escrever para Nietzsche era um imperativo, mas ao citar que estivera um curto período de recesso não é sobre a escrita que ele se debruça, mas sobre a arte: “Acabo de passar dez dias de férias com minha mãe e minha irmã e estou descansado; durante os mesmos deixei de

lado todos os pensamentos e toda reflexão e compus música.” O filósofo compunha: *O hino à amizade* e aborda detalhes de sua execução elaborando a análise entre música e tempo:

A duração da peça é de exatamente quinze minutos - você sabe que nesse intervalo tudo pode acontecer precisamente, a música é um argumento claro a favor da idealidade do tempo. Que minha música seja prova disso, que alguém possa esquecer seu tempo e que nele radica sua idealidade! Além disso, revi e ordenei minhas composições da juventude. Não deixa de ser singular o fato da imutabilidade do caráter ser revelada na música; o que expressa uma criança nela é tão claramente a linguagem da essência fundamental de sua inteira natureza, que o adulto não deseja mudar nada - descontando naturalmente a imperfeição da técnica e assim por diante.

A música é um argumento a favor da *idealidade do tempo*. O que isto quer dizer? A frase sequencial presume clarificar essa compreensão; o desejo de que a sua música fosse prova de que alguém esqueça a cronologia e vida e tempo se tornassem simultâneos. O argumento aponta para a diferença na concepção de *duração* diante da obra de arte musical. Começa acenando que sua música dura um período preciso, mas a percepção dela teria a capacidade de condensar em uníssono esta temporalidade a ponto de que a sua passagem contínua ficasse esquecida por um momento. A arte nessa conjuntura teria a capacidade de aproximar o homem do real. Ele já era um adulto, mas a maturidade não foi maculada por aquilo que efetivamente era. A música juvenil revelava mesmo muito tempo depois a sua *inteira natureza*, a qual o homem maduro *nada quer mudar* por fazer parte do que é mais lídimo em si mesmo. A maturidade biológica não é capaz de apagar sua característica fugidia a qual a arte ajuda a atualizar.

O filósofo escreve na missiva 442 à mãe e à irmã e acena para o período de doença que padeceu, mas melhorara com longas caminhadas. Relatando a acomodação e os dias de descanso que passara em Berna sustenta: “Ademais, fui muito bem atendido, saiu muito barato e pude dar liberdade à minha paixão por estar e andar sozinho; o último, o fazia por oito horas todos os dias pelos magníficos arredores de Berna, enquanto refletia.” Caminhar, além de ter um efeito curativo, era uma oportunidade de refletir, ambos eram tônicos, aliados ao contato com a natureza, sobretudo quando nesta continha beleza. Um pensamento em trânsito para Nietzsche emergiu também a colocar efetivamente o corpo em movimento. Nesta fase da vida ele dará cada vez mais valor às caminhadas solitárias e longas e estas exerceram a função de tornar o espaço livre; uma das inspirações e métodos para a produção do pensamento. No final, que ele vem tocar na última *Intempestiva*<sup>6</sup>: “Agora quero empreender a

---

<sup>6</sup> Trata-se da obra *Richard Wagner em Bayreuth* publicada em 1876, na qual o filósofo visa repensar através da música wagneriana os valores decadentes da sociedade do seu tempo. O filósofo, assim como ocorreu em *NT*

número quatro, só desejo um pouco de diversão e bom tempo.” Para realizar este trabalho precisava de circunstâncias adequadas: *diversão e bom tempo*. O estado que move o criador e o ambiente que o circunda não eram descartáveis para Nietzsche; são fontes de criação e notemos que ele busca tais ambientes para produzir. Lembremos que se trata do texto “Nós filólogos”, que não veio a ser publicado. Andrés Rubio comenta este episódio:

No início de 1875, encontramos um Nietzsche saudável e muito ocupado com suas aulas e com o projeto da quarta *Intempestiva*, intitulado *Wir Philologen* [Nós filólogos]. Embora ele tenha se ocupado com esta obra intermitentemente por quase um ano (do outono de 1874 até meados de 1875), a verdade é que ele finalmente abandonou o projeto e, na prática, sua produção estritamente filológica<sup>7</sup>

Na correspondência 443 à Carl von Gersdorff Nietzsche cita a primeira resenha sobre as *Intempestivas* e foi um texto anônimo que surgiu na *Westminster Review* em 1875, bastante crítico e ele alude à *Quarta Intempestiva* antes citada: “Com a quarta *Intempestiva* a coisa vai mal todavia: certamente tenho umas quarenta páginas de notas semelhantes às que você compilou. Porém ainda falta fluidez, continuidade e ânimo para o conjunto.” Um autor exigir que o seu texto tenha fluidez e continuidade é algo natural, mas o curioso é que o filósofo cobre *ânimo* no conjunto do texto. Este sim, figura como um detalhe diferencial, pois, Nietzsche sempre buscava algo que manifestasse potência, vibração e a tensão do real. Certa morbidez em seu texto causaram incômodo e embora não seja possível justificar claramente esta hipótese, pois as cartas não revelam, talvez tenha sido por isso que o projeto não foi levado a termo.

O número 454, conforme a tradução que estamos seguindo, destaca mais uma correspondência para a mãe Francisca e nela perduram as reclamações sobre as contínuas debilidades de saúde:

Faz alguns dias, sofri um ataque severo de uma doença no estômago [...]. Gradualmente, essa doença crônica, já faz quatro anos de um resfriado no estômago, está se tornando algo tão sério, perigoso e me rouba tanto tempo (porque perco dois dias quase toda semana); que os médicos e eu só vemos ajuda em uma dieta muito rigorosa como a que foi prescrita para mim, mas só posso segui-la em minha própria casa.

Diversos tipos de padecimentos acompanharam constantemente Nietzsche e isso dificultava a possibilidade de gerar um pensamento saudável. Este problema perdurará durante toda a vida do filósofo, ele vai convivendo incessantemente com o limite. Na nossa

---

enxergava no músico a possibilidade de reviver, na era moderna, a cultura grega arcaica com a valorização da dimensão estética da vida.

<sup>7</sup> RUBIO, Andrés. Introdução: *In: NIETZSCHE, Friedrich. Correspondencia III Enero 1875 - Diciembre 1879*. Traducción, introducción, notas y apéndices de Andrés Rubio. Editorial Trotta, Madrid, 2009, p. 12.

interpretação, consegue, sobretudo na maturidade, condensar em reflexões mais precisas estas questões e mesmo a partir de uma fisiologia frágil estabelece um pensamento intensificador. Neste contexto de vínculo praticamente ininterrupto com o sofrimento, o filósofo mantinha constantemente sua preocupação com os destinos da educação formal. A correspondência 456a tem um informe às autoridades de Basileia sobre a formação secundarista. Dentre as propostas estava um ensino intenso e aprofundado da língua e da cultura grega. O filósofo reclama do tempo dedicado a este campo de estudo e propõe o prolongamento do mesmo afim de que os jovens lessem com desenvoltura os autores clássicos. Para que os alunos fossem considerados maduros, sugere:

Os alunos devem ler: a) todo Homero; b) três obras dos trágicos; c) uma seleção muito ampla de passagens escolhidas dos diálogos de Platão; d) igualmente fragmentos selecionados de Tucídides, Heródoto e Xenofonte; e) orações de Lísias e Demóstenes. Ao listar este elenco, nos referimos não apenas às leituras obrigatórias, mas também àquelas realizadas voluntariamente pelos alunos.

Outros estudos de autores clássicos são sugeridos. Notemos que na formação proposta pelo filósofo privilegiava-se um nível elevado de leituras, o “currículo” estava de acordo com a sua inquietação com a fragilidade cultural da educação juvenil. O professor Nietzsche admitia o direcionamento, necessário ao discente, mas abria espaço para escolhas próprias ao acenar diversas leituras de livre opção dos alunos. Segundo a sua avaliação deveriam ser aprofundados o máximo possível os conteúdos de teor cultural, tendo por norte alguns dos principais autores da cultura clássica ocidental, sobretudo, os gregos Antigos. Esse era o momento histórico em que centrava suas esperanças em uma elevação educativa e, por conseguinte cultural, contra a tendência da época de formar os jovens com rapidez tendo em vista os interesses imediatos da política estatal. Aprimorar-se nos clássicos levava tempo, dedicação, convencimento do seu valor, algo desprezado em uma sociedade apressada.

## 1.2 Nietzsche e a “medicina de si mesmo”

Retomando a questão da sua doença, na carta 457 a Carl von Gersdorff destaca mais uma vez o seu fragilíssimo estado de saúde e somente poder trabalhar por alguns períodos, de necessitar da ajuda constante da irmã e de não poder produzir.

Tenho atrás de mim uma temporada muito ruim e talvez uma pior pela frente. Não consigo mais domar o estômago, inclusive com a dieta mais ridiculamente estrita, dores de cabeça durante vários dias, das mais violentas, que reaparecem em pouco tempo, vômitos, e durante horas sem comer nada; enfim, a máquina parece querer desmoronar e não quero negar, em alguma ocasião desejei que assim o fosse. Grande fadiga, dificuldades em andar na rua, forte suscetibilidade à luz; Immermann diagnosticou algo semelhante a uma úlcera no estômago, e estou sempre prestes a

vomitou sangue. Eu tive que tomar solução de nitrato de prata por quatorze dias, não ajudou em nada. Agora ele me administra doses extraordinariamente grandes de quinina duas vezes por dia.

Notemos que a intensidade do sofrimento era tamanha que o filósofo chega a desejar o seu próprio fim. Inicia-se uma fase crônica que incidirá decisivamente na sua forma de pensar. Como já antecipamos, a doença desde muito cedo esteve presente na vida de Nietzsche, mas este momento parece ser o período mais difícil. Na missiva 463 a Carl von Gersdorff em 12 de julho de 1875, relata que passaria as próximas férias em um balneário na cidade de Bonndorf, isto com o objetivo de cuidar do estômago com um médico especializado. Em um primeiro momento se submeteu à medicina da época, confiante de que poderia encontrar solução, mas as indefinições sobre as razões de sua enfermidade eram imensas.

José Nicolao Julião reflete sobre o diagnóstico indefinido da doença de Nietzsche e comenta que em dois artigos publicados na *Nietzsche-Studien* em 2013, por Thomas Klopstock e Ronald Schiffter, ambos não chegam a nenhuma conclusão sobre o quadro diagnóstico da doença. Rebatem ainda a publicação de Christiane Koszka que, na mesma revista de 2010, sustentou que Nietzsche sofria de “MELAS” (“Miopatia Mitocondrial, Encefalopatia, Acidose Láctica e Episódios”). Conforme o comentador, “trata-se de uma doença mitocondrial neurodegenerativa, de transmissão materna, de desenvolvimento progressivo e com um fenótipo clínico muito variável [...]”<sup>8</sup> Klopstock se contrapõe ainda à hipótese de Koszka de que a paralisia progressiva fosse decorrente da sífilis, “admite não haver provas empíricas suficientes, e ainda devido ao tempo excessivo da doença infecciosa acometendo o paciente, o caso Nietzsche seria uma exceção das exceções.”<sup>9</sup>

Notemos que até hoje, mesmo distantes do período em que Nietzsche viveu e, com a enorme evolução da medicina e tendo narrativas minuciosas de Nietzsche e dos seus interlocutores sobre a sua doença, continua sendo muito difícil determinar com precisão o seu diagnóstico. Segundo Sander Gilman, três posições dominavam a interpretação sobre a saúde de Nietzsche:

Uma posição afirmava que sua insanidade era resultado de sua vida sexual, ou seja, produto de sua infecção por sífilis; a segunda afirmava que ela era produto de sua

---

<sup>8</sup> JULIÃO, José Nicolao. *Carta sobre a doença e a imprecisão do diagnóstico de Nietzsche*. In: *Nietzsche e as cartas*. Org: Marina Gomes de Oliveira, Rosa Maria Dias, 1 ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019, p. 201-202.

<sup>9</sup> *Ibidem*.

hereditariedade, ou seja, da loucura e morte precoces de seu pai; a terceira afirmava que ela era o resultado de pressões sociais, do excesso de trabalho e uso de drogas.<sup>10</sup>

Notemos que eram diversificadas as posições em relação à doença e, sobretudo, os adversários interpretavam que a insanidade estava refletida em suas obras.

Carlos Estelita-Lins faz um comentário na mesma direção: “Um diagnóstico de sífilis associaria Nietzsche com prostituição e libertinagem, sua forma demencial iria municiar *ad hoc* para a iconoclastia, a insistência, a ousadia em questionar o estabelecido.”<sup>11</sup> Mas o Nietzsche que por um momento aceitou o diagnóstico sobre ele, passou rapidamente a ser uma espécie de *médico de si mesmo*, no entanto, ocupado com a insanidade coletiva. Para Daniel Andrade: “Nietzsche raramente recorre a exames físicos do corpo, típicos da fisiologia materialista de sua época [...]. Ele recorre sempre a condutas, ideias, valores e atitudes, coletivos ou individuais, para neles decifrar os sintomas e seus efeitos para as vidas”<sup>12</sup>. O aspecto da degenerescência presente na sociedade, a avaliação moralizante sobre o seu corpo, pautada na circunscrição da interpretação do médico. Ofereceu, é o que tudo indica, munição para também avaliar com que intensidade os humanos entregam a outrem a avaliação de si e em que medida a forma de viver predominante era saudável ou doentia.

Gustav Krug com data de 12 de julho de 1875 (carta 464) recebe uma missiva do filósofo. Nietzsche saúda o amigo pela nova paternidade e lamenta não poder receber tal notícia com a alegria que merecia, devido à doença. Diante da peça de Krug saúda o seu talento: “Seu engenhoso tema final mostra novamente a classe de músico que és e como obtém o mais livre e audaz dos jogos combinatórios e imitativos. Eu não sou capaz de algo assim, já o sabes. Por isso também não posso ser seu crítico e conselheiro.” Mas acaba fazendo algumas observações:

Em relação à harmonização do tema principal a partir do compasso, não concordo plenamente. O que opinas sobre esta base? Nos compassos 16, 17 e 18 ainda vejo um obstáculo, para mim é como se você não chegasse ao topo com toda a respiração. Com o dó maior do compasso 16, você perde metade do efeito principal do compasso 13, isso seria uma pena [...].

Eu tentei muitas mudanças, sem sorte. Pense sobre o assunto novamente, é tão importante! Excelente é o “compasso de três por quatro muito pausado”, pessoalmente considero mais próxima do que a apaixonada excitabilidade do tema principal. Ou seja: quando a verdadeira paixão começa, sempre lamento que você

<sup>10</sup> GILMAN, Sander. L. *Difference and pathology: stereotypes of sexuality, race and madness*. Ithaca: Cornell University Press, 1994, p. 60.

<sup>11</sup> ESTELITA-LINS, Carlos. *Ainda sobre os enigmáticos bilhetes de Frederico Furioso em seus últimos dias de Turim*. In: *Nietzsche e as cartas*. Org: Marina Gomes de Oliveira, Rosa Maria Dias, 1 ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019, p. 90.

<sup>12</sup> ANDRADE, Daniel P. *Nietzsche - a experiência de si como transgressão (loucura e normalidade)*. São Paulo: Annablume, 2007. p. 102.



não tenha uma orquestra; Eu sou apenas um músico falido. Quanto ao resto, a transição da batida “muito pausada” o compasso de dois por quatro não é completamente alcançado; ali deverias deixar de assediar e forçar as harmonias, talvez dividindo a melodia em duas? Os giros finais no penúltimo e a última parte são magníficas com sua variedade rítmica.

Esta carta relembra um acordo que os amigos de Nietzsche tiveram de trocar entre si; as suas obras, música, poema, ensaios para que fizessem observações mútuas sobre elas (Cf. p.462, referência a Gustav Krug). Embora ele se considerasse, como afirmou na mesma carta, um músico fracassado, parecia haver algum reconhecimento do seu conhecimento e talento musical. Mas nos concentrando nas observações de Nietzsche, podemos notar a importância dada “aos compassos de três por quatro muito pausados” que lhe agradava mais “que a apaixonada excitação do tema principal”. Lamenta a ausência de uma orquestra no momento da “autêntica paixão” da música. O filósofo parece valorizar a musicalidade que, mesmo nos momentos de extrema tensão, foi desenvolvida de forma harmoniosa. O momento de paixão que numa música tocada com instrumentos de corda ou mesmo piano pode parecer demasiado explosivo, com uma orquestra e seus vários instrumentos poderia levar a uma suavização da tensão, sem que a força melódica perdesse o seu impacto. Mas demasiadamente tenso e nada suave era a sua relação com a saúde, em 19 de julho de 1875 Nietzsche escreve a Marie Baumgartner (carta 469), descrevendo parte do diagnóstico assevera: “O médico me examinou cuidadosamente e, de acordo com todos os sintomas e observações, constata ‘um catarro estomacal crônico com dilatação significativa do estômago.’” Em seguida indica a sua dieta: “[...] tenho uma dieta muito detalhada [...] quase exclusivamente carne, nada de água, nada de sopa, nada de legumes, nada de pão [...]. É assim que caminham as coisas até agora. Eu não tenho relações sociais.” Esta carta é relevante por demarcar o diagnóstico médico, que indica que o estômago seria a fonte principal dos seus sofrimentos e alude ao estabelecimento da dieta. Como estamos com insistência acenando, a relação saúde/doença obrigou o filósofo a buscar alternativas de cura; dietas, climas, lugares, pessoas, relação com o trabalho diversificadas, tudo teve efeito decisivo no modo de elaborar a sua filosofia. Conforme Andrés Rubio, “[...] mesmo nas piores circunstâncias, conseguia levar ao papel seus pensamentos [...]”<sup>13</sup> Nietzsche é um pensador vital, isto é, compreender e conceituar essa potência que é a vida esteve sempre em seu radar e a elaboração de pensamentos em torno disto esteve associada ao que o filósofo vivia e sentia. Na missiva 471 a Carl von Gersdorff há

---

<sup>13</sup> RUBIO, Andrés. Introdução: *In: NIETZSCHE, Friedrich. Correspondencia III Enero 1875 - Diciembre 1879*. Traducción, introducción, notas y apéndices de Andrés Rubio. Editorial Trotta, Madrid, 2009, p. 23.

menção às suas expectativas de futuro. O filósofo aponta um projeto para os próximos sete anos:

Ontem à noite, vaguei pelas incrivelmente belas montanhas e ocultos vales e, ao longo das três horas de caminhada, tudo prometia que o futuro estava se estendendo, era uma visão da felicidade que há muito tempo não vivia. Para que é reservado? Tenho uma boa cesta cheia de trabalho pelos próximos sete anos diante de mim e, realmente, toda vez que penso nisso, me incentiva muito. Devemos aproveitar de nossa juventude e aprender, todavia, algumas coisas boas. E pouco a pouco a vida e o aprendizado se converterão em algo comum [...].

Difícil saber se Nietzsche admitia apenas que tinha material de trabalho suficiente para produzir durante os sete anos vindouros ou, além disso, ele também previa o seu fim, devido ao definhamento da saúde. De todo modo, este fragmento de carta traz a importante alusão à união entre vida e aprendizagem. Nietzsche não separa estas duas forças, sabe de antemão que elas devem ser uníssonas, mas para que vida e aprendizagem se tornem únicas é preciso um processo existencial, é necessário fazer experiências. Trata-se de alguém que cada vez mais passava a ter a solidão como companhia e a natureza como aliada na formulação de perspectivas de futuro. Fica evidente que *o caminhante Nietzsche*, junto com a *sua sombra* tornava aqueles momentos de contato consigo e com a realidade, um espaço de “meditação”.<sup>14</sup>

A certeza de que teria material para produzir ainda por muito tempo estava em um jogo de reflexão, de se perguntar se ainda havia algo de novo para projetar. Acreditava que a resposta a esta questão era positiva e se colocava diante de um desafio. Ainda havia espaço e razão para continuar em frente e a sua arma era a criação, a produção de suas obras. Estas, portanto, não deveriam advir somente de um esforço racional e de pesquisa, mas remetia a uma afetação que unia vida e aprendizado que gradativamente se tornariam algo único. Aprender e viver não eram, ou não deveriam ser capacidades humanas conflituosas. Um e outro foram historicamente separados por força de modelos de pensamento dominados pela racionalidade. A proposta de Nietzsche sugere aprender como unir as duas potencialidades.

Em agosto de 1875 (carta 474), escreve Nietzsche a Erwin Rohde e aborda uma música que tocava, provavelmente enquanto escrevia: “A banda de música faz agora uma

---

<sup>14</sup> *O andarilho e a sua sombra* é referência ao livro: *Menschliches, Allzumenschliches – Humano, demasiado humano, um livro para espíritos livres* foi publicado em 1878 e demarca, o rompimento com Wagner e Schopenhauer, por conseguinte, com a metafísica e romantismo de ambos. Dentre os anos de 1879 e 1880 o filósofo complementou o projeto de *Humano, demasiado humano* com mais duas obras: *Miscelâneas de opiniões e sentenças* e *O andarilho e a sua sombra*. Nessas, Nietzsche inaugurou a escrita em aforismos que veio a marcar as suas obras, há, então, uma mudança no estilo, claramente buscando dar forma artística ao texto. Quando anos mais tarde o filósofo elabora prefácios para os livros anteriormente publicados, tais obras são unificadas no volume intitulado *Humano demasiado humano II*.

parada da maneira mais incompreensível. Onde essas pessoas poderiam ter conseguido música tão ruim! Jamais havia escutado algo assim, não é uma marcha, não é uma dança, mas um antiquado lamento do século passado, semelhante ao dos cães.” Estamos diante de uma audição que se incomodava com um estilo agressivo, uma total impaciência com a simplificação da arte. No mesmo texto lamenta não poder estar no festival de Bayreuth; o que novamente revela o contraste com a música antes ouvida; afirma estar como um fantasma em Bayreuth e nos seus passeios recitava peças inteiras. Eis o interesse artístico do filósofo. A sua educação musical resistia a tons e sons desarmônicos e agressivos. A repulsa aos incentivadores de uma música nociva pode se associar com sua crítica à cultura da época que, conforme o exemplo dos tocadores comentado, valorizava algo mal produzido, que perpassa os corpos sem incomodar os seus ouvidos. Trata-se de uma sociedade que absorve o que é musicalmente simplório por não ter sido formada para “ouvir bem”. A partir da arte, talvez seja possível estabelecer com Nietzsche, tanto naquela época e, infelizmente, também hoje um diagnóstico da precariedade educativa e social através da observação do padrão do gosto musical prevalecente.

A correspondência 479 a Carl Fuchs de 11 de agosto de 1875 contém outra relação com o tempo e com a sua saúde e não mais faz projeção sobre o futuro: “Estou mal, eu sempre percebo a forma como me comporto em relação aos meus grandes planos e ao contexto da minha vida.” O filósofo costumava fazer planos mais precisos, mas a perenidade e incerteza da doença exigiam nova postura; “Desta vez fiquei tão desmoralizado que decidi viver sem outros planos que não fossem os de hoje para amanhã.” Anteriormente Nietzsche chegara a elaborar projetos para os sete anos vindouros, neste momento, a redução é drástica e se limita ao dia seguinte, mesmo assim, considera toda aquela dolorosa situação como um aprendizado: “Aqui aprendi a ser corajoso novamente - a existência mais prudente pode, em muitos casos, também ser a mais corajosa em relação ao essencial.”

Com o amigo Erwin Rohde (carta 490), o filósofo relembra as impressões do historiador Carl Burckhardt sobre a sua função docente e descreve o elogio daquele: “Um professor assim não voltará a ter os cidadãos de Basileia”; e aborda o modo como se relacionara com a função docente que não era de intimidade, mas de necessidade. Nietzsche admite que chegou a ser um bom mestre de escola, mas que teria passado pelo *Pedagogium* desenvolvendo a função por dever, sem alegria e consciência do seu valor. As diversas atividades que desempenhava impediam que se dedicasse à filologia adequadamente. Nesta carta há mais uma vez o confronto entre aquilo que é obrigação, a função de professor e a atividade que realmente lhe interessava: a produção escrita. O filósofo mostra que não fora

irresponsável tratando a sua atividade de forma desdenhosa, mas não se afinava com a função, no entanto, paralelamente, se esforçava para realizar o que tinha sentido existencial. A harmonia entre o desejo e o labor que efetivamente realizava foi busca incessante além de conter efeito curativo. Talvez seja uma das poucas experiências na história do pensamento na qual o conhecimento enquanto criação, como abertura a novas possibilidades funcione como uma farmacologia.

Em Nietzsche, o saber, em alguma medida, tem potencial de cura ou, pelo menos, ameniza as *dores de existir*. Talvez por isto o seu interesse por novas formas de pensamento e concepções de vida vindas do Oriente. Elas o colocavam diante de outro patamar de interpretação do real como alternativa ao dominante racionalismo do conhecimento ocidental. Na correspondência 495, a Carl von Gersdorff, em 13 de dezembro de 1875 várias temáticas são avaliadas: o budismo, o hinduísmo, a retórica judaico-cristã, assim como o equívoco do “querer conhecer”. Sobre a primeira questão declara:

Tomei emprestado do amigo de Schmeitzner, Sr. Widemann, a tradução em inglês do Sutta Nipata, alguns dos livros sagrados budistas; e já traduzi algumas das profundas palavras finais de um Sutta para o uso cotidiano “e caminho solitário como o rinoceronte”. O convencimento da carência do valor da vida e o ilusório de toda meta me importuna constantemente e intensamente, sobretudo quando estou na cama enfermo, que preciso ouvir mais sobre isso, mas não misturado com a retórica Judaico-cristã: contra a qual acumulei tanto desgosto que devo tomar cuidado para não ser injusto.

No contato com textos hindus e budistas buscavam-se outras interpretações da vida. *Caminhar solitário como o rinoceronte*, Nietzsche sente essas como palavras profundas e dignas de serem de uso constante. Faz referência a um dos textos mais tradicionais do budismo o *Khaggavisana Sutta*, ou *O Chifre do Rinoceronte* que trata de seres que atingiram a *Iluminação* sem a ajuda de um mestre; conseguiram a difícil tarefa de trilhar só os seus caminhos. É a postura daquele que basta a si mesmo, como a espécie de rinoceronte que tem um único chifre e vive solitário. *Como um grande elefante branco, com ombros imensos, que renuncia a seu rebanho, e vive conforme seu desejo; ando sozinho como um rinoceronte*<sup>15</sup>. Eis um dos versos do texto que exaltam aqueles homens que valorizavam a vida monástica e as caminhadas pelos desertos e montanhas. Uma clara denúncia dos perigos da vida gregária. A solidão, celebrada em diversos textos nietzschianos, sobretudo no *Zaratustra*, teve certamente o ensinamento oriental como uma das bases. A sabedoria do Oriente conflitava

---

<sup>15</sup> Cf. SALOMON, Richard G.; GLASS, Andrew. *A Gāndhārī Version of the Rhinoceros Sūtra: British Library Kharoṣṭhī Fragment 5B*. University of Washington Press, 2000.

com uma das constantes críticas de Nietzsche, marcas de nossa cultura racionalista, o equívoco de pautar a existência no “querer conhecer”:

Quero dizer que o querer-conhecer seja como a última região da vontade de viver; como uma esfera intermediária entre querer e não querer, um troço de purgatório na medida em que a nossa vida é insatisfatória e desprezível, e uma parte de Nirvana enquanto a alma se aproxima ao estado de pura contemplação. Você me exercita em desaprender a precipitação do querer-conhecer; desse mal padecem todos os eruditos e por ele se escapam à esplêndida calma de toda a compreensão alcançada.

O “querer conhecer” coloca o ser humano em uma espécie de limbo.<sup>16</sup> De espaço intermediário, pois a vida é assumida com desprezo. O filósofo admite se esforçar para sair desse jogo que distancia da “calma de toda compreensão alcançada”. O conhecer exige tempo. Estamos diante da tese desenvolvida em *O Nascimento da tragédia*, quando questiona a razão ao tentar dar conta, interpretar, medir e calcular plenamente as diversas circunstâncias. O desejo ansioso pelo conhecer distancia da ruminação necessária que um saber trágico exige.

Vimos, até o momento, que vários temas emergiram: política, música, o caminhar como efeito curativo, a produção da *Quarta intempestiva*, a influência do pensamento oriental sobre Nietzsche. O início do estremecimento da amizade com os Wagner, o perigo do “querer conhecer”, mas, sobretudo, vimos a importância da questão da doença. Ela é um fio condutor significativo deste texto, pois o filósofo fez um esforço imenso para transformar esta experiência em objeto do pensamento. Não tratando apenas de suas agruras pessoais, mas também das “dores do mundo”, sem, portanto, dar à questão uma interpretação derrotista, mas a tornando uma arma para se superar e criar a sua obra. O comentário de Janz ajuda a afinar esta avaliação: “a enfermidade era como uma aura que rodeava o fenômeno Nietzsche e da qual provinha não pouco de sua força”<sup>17</sup>. Lembremos que o filósofo padeceu do desejo de morrer, mas entendeu que a enfermidade social, o modo de pensar e viver aniquilador da potência da vida eram motivos mais graves do que o que ele sentia no corpo. A cultura movida pelo “querer conhecer”, confabula modos seguros e estáveis de se colocar na existência gerando um existir seguro em detrimento de uma realidade que é, na concepção de Nietzsche, necessariamente caótica. A partir da experiência do seu corpo frágil o filósofo consegue perceber que a consequência social mais nociva é a manutenção de uma sociedade debilitada. O que fazer nesta circunstância? Ele opta por desafiar o modo de vida

---

<sup>16</sup> O esforço em explicar a realidade de forma plena é uma postura criticada por Nietzsche, presente não só em *O Nascimento da tragédia* com sua crítica ao socratismo do conhecimento. Ela perpassa a sua obra e na maturidade podemos encontrá-la, por exemplo, no aforismo 333 de *A gaia ciência* que analisaremos no capítulo IV.

<sup>17</sup> JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: los diez años de Basilea; 1869/ 1879*. Madri: Alianza Editorial. 1987, p. 115.

predominante e criar um próprio, de estabelecer uma relação saudável entre viver e pensar, dando outro formato à vida.

Na sequência veremos outra perspectiva fundamental deste período da vida de Nietzsche: o distanciamento dos mestres Wagner e Schopenhauer, mas, para além deste tema, continuarão as cartas sobre o sofrimento e outras questões da vida do pensador em questão relevantes para continuarmos no processo de avaliar a perspectiva educativa e artística presente nelas. Foi exatamente naquele momento, no qual se poderia tranquilamente sucumbir, que ele inaugurou o seu percurso como filósofo autônomo. Da dor foi possível forjar a superação. A empreitada objetiva, o método real e palpável pelo qual o filósofo traçou este caminho de autodeterminação foi à criação.

### 1.3 As dissidências

Temos assinalado nestas cartas, junto com situações diversificadas da vida do filósofo em estudo, um dos períodos de mais extrema dificuldade com a saúde. Além disso, as rupturas ocorridas nesse momento também foram causas relevantes, dentre elas destacamos a necessidade de se distanciar da função de professor. Neste contexto, a correspondência 496 a Carl Burckhardt de 2 de janeiro de 1876 demarca um momento decisivo na vida de Nietzsche que fora o seu pedido de dispensa de parte de sua atividade docente, tendo como justificativa a enfermidade que sofria:

Senhor presidente: O mau estado de minha saúde me obriga a solicitar uma redução temporária de minhas obrigações docentes, concretamente uma dispensa das horas do *Pedagogium* pelo restante do semestre. Dores de cabeça e de olhos atingiram tal grau nos últimos tempos que essa isenção deste tipo se tornou uma necessidade urgente, e somente com a medida de graça solicitada posso esperar dar minhas aulas até o fim na Universidade. Enquanto comunico que, por enquanto, já entrei em contato com o Sr. reitor Burckhardt sobre uma eventual substituição, rogo-lhe, Sr. Presidente, que considere meu pedido favoravelmente.

Esta carta mostra que a motivação para sair da atividade docente fora, sobretudo, a sua saúde. Nietzsche conseguira dispensa das aulas no Ginásio e pediu posteriormente (conforme carta 500) na universidade. O processo de afastamento total da função docente se tornava cada vez mais prementes. O filósofo relatara a Carl Burckhardt o desejo de se licenciar durante aquele ano, de 1876, para fazer uma viagem ao sul, como era um plano antigo. Além desta razão, apresentou como o principal motivo de sua solicitação, os sete últimos anos de luta contra a doença, conforme a nota 331. Embora Nietzsche tenha pedido que a licença fosse sem remuneração, ela foi paga devido ao reconhecimento de sua dedicação como docente em Basiléia.

A amizade com Richard Wagner também começa a estremecer, porém, em 22 de maio de 1876 (carta 527), o músico celebrava mais um aniversário e Nietzsche reafirma a admiração pelo mestre:

Faz praticamente sete anos desde que fiz minha primeira visita a Tribtschen e não sei dizer-lhe em seu aniversário mais que, desde aquele tempo, também comemorei meu aniversário espiritual em maio. Pois, desde então, você vive em mim e age incessantemente como uma corrente sanguínea completamente nova, o que eu seguramente não tinha antes. Esse elemento, que tem sua origem em você, me impulsiona, me envergonha, me encoraja, me aguilhoa e não me deixa mais descansar, então eu quase poderia querer guardar rancor por este constante desassossego, se não sentisse claramente que a inquietação me estimula precisamente a ser mais livre e melhor. Por isso, pelo que você desperta, devo estar agradecido com o mais profundo sentimento de gratidão; e guardo para os eventos deste verão minhas mais belas esperanças, que se criptografem que muitos serão mergulhados naquele desassossego graças a você e a sua obra, e desse modo receberão uma parte de sua grandeza, de sua pessoa e sua carreira. Hoje, a única felicidade que desejo é que isso aconteça [...].

Testemunho de respeito e veneração, mas não de sabujice, pois o fundamental no músico era o que ele fazia com a própria existência, com a sua criação, a capacidade de torná-la destino, horizonte. O contato com Wagner era como sangue novo na corrente sanguínea, uma presença estimulante, despertava para ser melhor e mais livre e isto ocorre por aquilo que ele provocava, ele *formava* com a sua vida, com a sua obra, com as suas provocações. O que despertava era a intensificação, a manifestação de força, vindo a inquietar Nietzsche. Agitação que o filósofo considerava a característica primordial de um efetivo mestre, pois, incitava ao crescimento, ao sair da inércia, de não pautar a compreensão do existir em concepções já estabelecidas. Desse modo, apoia o nosso raciocínio o comentário de Iracema Macedo, para quem Wagner “ora como precursor e companheiro, ora como adversário, mas em ambas as situações sua presença parece ser absolutamente decisiva e imprescindível.”<sup>18</sup> Wagner era para Nietzsche um *dispositivo pedagógico* da mais valiosa relevância, pois conseguia provocar o que ele denominava como a pujança da própria natureza, que é estar sempre em tensão e tender ao mais, ao *querer-mais*, à impossibilidade de voltar atrás. A arte wagneriana ajudava a desvelar este jogo enigmático da vida.

A missiva 741 a Mathilde Maier testemunha o significado da visão de Nietzsche sobre a arte de Wagner e sua adesão à mesma: “Da grandeza de Wagner, poucos podem ser tão persuadidos quanto eu: porque poucos sabem tanto sobre ela. No entanto, deixei de ser um defensor sem reservas, para ser um com reservas [...]”. Ocorreu durante longo tempo um processo de assimilação e encantamento com a obra do mestre, mas aos poucos surgiram

---

<sup>18</sup> SILVA, Iracema Maria de Macedo Gonçalves da. *Nietzsche, Wagner e a época trágica dos gregos*. Tese de Doutorado. Unicamp: Campinas, 2002, p. 181.

posições dissidentes. Diante do respeito antes citado, o filósofo sentiu certa insegurança ao publicar a *Quarta intempestiva*. A tensão que Nietzsche passara ao publicar o livro sobre Wagner foi dissipada ao receber a aprovação do músico, de sua esposa e de Jakob Burckhard, conforme atesta a carta 543 a Carl von Gersdorff em 21 de julho de 1876: “O livro foi legitimado, estou muito tranquilo a respeito. Wagner escreveu: “Amigo! Seu livro é extraordinário! Como aprendeu a me conhecer assim? etc.” Sobre este comentário, Anna Hartmann Cavalcanti afirma: “O ensaio ‘Wagner em Bayreuth’, escrito em grande parte em 1875, é uma das mais belas homenagens que um artista no auge de sua carreira poderia receber, o que foi imediatamente reconhecido pelo próprio compositor [...]”<sup>19</sup> O teatro de Bayreuth era algo que revolucionava a arte, para Nietzsche. Era uma esperança de efetivamente se reviver a arte trágica. O espectador, neste contexto, assim como ocorria com o teatro grego seria um participante ativo da peça. O público passaria por um efeito que deveria o envolver e, deste modo, ele não seria apenas alguém interessado por arte, ou que se posicionasse diante dela como avaliador profissional e, portanto, técnico e o público deveria ter consciência da grandeza do momento que vivia. Nietzsche realmente depositou confiança que Bayreuth causaria esse efeito transformador da cultura. Escreve que naquele ambiente, não se descobriu uma nova arte, mas, a arte mesma.<sup>20</sup> No entanto, iniciava exatamente neste período a dissidência entre ambos e autor buscava itinerários alternativos pelos quais poderia exercer sua liberdade enquanto pensador. Mesmo outorgando grande valor à solidão, ele tentou efetivar uma sociedade do conhecimento, na qual a liberdade pudesse imperar.

A Reinhardt von Seydlitz (carta 554), Nietzsche propõe que juntamente com Paul Reé e Albert Brenne, aluno do filósofo no *Pedagogium* e ouvinte de suas aulas na Universidade em Basileia, a constituição de um “monastério para espíritos livres”. No decurso do inverno entre 1876 e 1877, em Sorrento, Réé, Brenne e Malwida von Meysenbug, efetivaram esta experiência coletiva. Antes ele destacou a sua necessidade de estar entre homens com os quais se poderia exercer a liberdade: “De fato, estou sempre à procura de homens, como um corsário qualquer, porém, não para vendê-los como escravos, mas para me libertar com eles.” Em seguida ele denomina este monastério de “uma escola para educadores” onde estes deveriam, com grande estilo, educarem a si mesmos. Um fragmento póstumo da época, de 1875, 5[25], corrobora este pensamento: “Educar educadores, mas os primeiros devem começar por educar a si mesmos! É para estes eu escrevo.” Eis o Nietzsche que buscava sair

<sup>19</sup> CAVALCANTI, Anna Hartmann. Introdução a obra *Richard Wagner em Bayreuth*, p. 15. *Quarta consideração extemporânea* de Friedrich Nietzsche, Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

<sup>20</sup> Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Richard Wagner em Bayreuth. Quarta consideração extemporânea*. Introdução, tradução e notas: Anna Hartmann Cavalcanti. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2009.



das sombras de reconhecidos mestres, sobretudo, Wagner e Schopenhauer, visando estabelecer sua trajetória exclusiva, mas num espaço coletivo de aprofundamento e busca do conhecimento, no qual houvesse um caminho mútuo para a autodeterminação.

Na missiva 616 a Erwin Rohde de 20 de maio de 1877, Nietzsche parabeniza o amigo pelo seu matrimônio e recorda a fala dele no passado sobre relacionamentos: “Você me disse uma vez em Basileia que o que mais precisavas era de uma criatura que, mediante provas sempre novas de amor, através de incontáveis sacrifícios cotidianos, grandes e pequenos, por vontade própria, reabastecesse sua alma. Se eu estivesse saudável, teria dito algo melhor com música.” Duas particularidades são destacáveis neste trecho, a proximidade entre música e sentimentos. O amigo descrevera que somente uma pessoa com aquelas características citadas viriam a acalmá-lo. Nietzsche afirma que aquelas palavras poderiam ser traduzidas em música, caso ele estivesse saudável. Esta é a outra particularidade de destaque: deixou o risco de tornar musical um acontecimento, quando o corpo não estava potente para tal. Parece justificado afirmar que, para ele, a arte deve emergir sempre de impulsos propositivos. De uma manifestação de força e não de debilidade, a contestação evidente a esta tese é que o próprio filósofo estava combalido e se seguirmos à risca este raciocínio, as suas obras seriam reflexos da decadência corporal constante. Mas entendemos plausível defender a hipótese de que ele buscava algum impulso para produzir, alguma força que reverberasse de forma intensificadora em seus trabalhos e na própria manutenção da vida, contudo, naquele momento específico, não podia fazê-lo.

O filósofo anuncia a diversos amigos e parentes, como na carta 624 a Marie Baumgartner, que deixaria a Itália em Ragatz e por recomendação médica buscaria o ar puro das montanhas. No início da carta menciona à tinta com a qual escrevia, reclamando de sua qualidade e fala dos víveres que eram falsificados, naquele momento, associando a tinta aos víveres. Uma referência que sugere o ato de escrever a algo precípuo; “Essa tinta é horrível, e eu a trouxe! Mas eles a adulteraram, em todo o mundo toda a comida é falsificada e a tinta é para nós como a comida!” A tinta como matéria prima exerceria este efeito vital que não deve ser falsificado, já que é o meio que permite o ato criador. A falsificação podia enfraquecer o emergir do novo, assim como um alimento que não nutre de forma adequada. Escrever é associado a ser absorvido pelo ato em si, a ponto de passar para o papel os efeitos do que está presente no corpo, como a fisiologia absorve aquilo que se come, por isto a tinta, assim como os viveres não deveriam ser falsificados, pois ambos revelam um liame vital.

A carta 640 a Carl Fuchs é uma resposta a uma missiva do músico sobre a obra de Wagner; ela é sintomática por apresentar um claro rompimento com as óticas de ambos os

mestres, o último citado e Schopenhauer. Nietzsche propõe a leitura do livro de Malwida, *Memorias de uma idealista*; “(Por favor, leia este livro extraordinário e entregue-o a sua esposa!). Sua medição rítmica é um precioso filão de ouro puro, do qual poderá extrair muitas boas moedas.” Notemos que ele compara a escrita da amiga com a métrica musical, valorizando o modo artístico de redigir. Logo em seguida a estas observações o filósofo diz que nos anos de 1870 estudara a métrica antiga e a compara com a obra de Wagner. O músico evitava o demasiadamente simétrico e matemático em sua música o que lhe dava mais vivacidade: “Entre os efeitos mais perigosos de Wagner, parece-me que ‘o querer-dar-vivacidade a qualquer preço’ é um dos mais perniciosos: porque se move imediatamente [...] em virtuosismo.” Além de concordar com a crítica do amigo sobre os métodos wagnerianos ataca também a Schopenhauer: “Quando escrever suas cartas sobre música utilize o menos possível as expressões da metafísica schopenhaueriana; Desculpe! Creio que sei- que é falsa e todos os escritos que levam o seu selo logo serão incompreensíveis.” Os antes venerados mestres começam a ser questionados e, dentre as diversas razões, destaque-se o emergir da autonomia do filósofo. Nietzsche se deslocava do cordão umbilical destes dois educadores, não sem dor e sem que a filiação deixasse de estar presente até os últimos dias de sua vida e obra.

A missiva 642 a Paul Deussen de princípios de agosto de 1877 indica outro aspecto importante deste rompimento com Schopenhauer. Analisando o livro do amigo, *Elementos de metafísica*, elogia o seu processo evolutivo, oriundo de constante capacidade de aprender: “Você aproveitou seus anos muito bem: uma vigorosa vontade de aprender, a aquisição de clareza e uma capacidade determinada de se comunicar - que podem ter um nível ainda mais alto na apresentação oral -: cada página do seu livro prova isso.” Em seguida acena para a forte presença da filosofia de Schopenhauer na obra e também o contributo sobre o pensamento hindu que ele não tivera oportunidade de contatar antes; quanto a essa questão Vermal acentua que: “Outro encontro muito significativo, depois de catorze anos, ocorreu com a visita de Paul Deussen, a quem Nietzsche elogia como o primeiro conhecedor da filosofia indiana e o primeiro schopenhauereano que obtém uma cadeira de filosofia na Alemanha.”<sup>21</sup> Retomando o distanciamento de Schopenhauer, continua: “De um ponto de vista absolutamente específico, lamento profundamente apenas uma coisa: não ter recebido um livro como o seu, alguns anos antes! E quão agradecido eu teria ficado!” Enfim, dispara a sua discordância em relação ao autor de *O mundo como vontade e representação*:

---

<sup>21</sup> VERMAL, Juan Luis. In: Friedrich Nietzsche, *Correspondências V*, 2011, introdução, p. 26.

No entanto, dado que os pensamentos huma<nos> seguem seu próprio curso, seu livro serve como uma feliz compilação de tudo em que EU não creio mais. Que triste! E não quero falar mais sobre isso, para não machucá-lo com a divergência de nossos juízos. Já quando escrevi meu pequeno ensaio sobre Sch<openhauer>, não compartilhei quase nenhuma de suas posições dogmáticas. Porém, hoje como antes, sigo acreditando que é extremamente importante passar por Schopenhauer durante um tempo e tomá-lo como educador. Só que já não creio que se deva ser educado na filosofia schopenhaueriana.

O filósofo admite que mesmo no momento que escreveu sobre Schopenhauer não se deixara influenciar por seu dogmatismo, ou seja, a sua aceitação mesmo que fosse de um mestre, não era sem restrições. Rosa Dias comenta que a influência de Schopenhauer sobre Nietzsche não foi acrítica, pois dois anos após a descoberta de *O mundo como vontade e representação*, ele já desconfiava da metafísica do conterrâneo<sup>22</sup>. Na carta anterior, na qual comenta o seu estudo sobre a métrica wagneriana, demonstra também esta postura crítica em meio a uma expressa veneração. De todo modo, sustenta que foi importante passar por Schopenhauer e tê-lo como educador. Nietzsche não ignora a importância dos mestres. Eles são necessários para conduzir, mostrar caminhos, mas é necessário desvincular-se deles visando à constituição do próprio decurso.

Analisamos aquelas que denominamos como *Cartas da dor*. Trata-se de um momento de grande sofrimento físico e nas relações humanas, mas o filósofo se empenhou em transformar o limite em objeto de pensamento, em filosofia. Abordamos sobre a produção das *Quatro considerações Intempestivas*, obras, como supramencionado, que funcionaram como embate a favor da cultura. Detalha-se a educação schopenhaueriana, a composição de *O hino à amizade*, as caminhadas solitárias, a detecção da enfermidade no estômago, a apresentação de um projeto para a formação juvenil. A dificuldade de diagnosticar a doença, o contato com as religiões e pensamento oriental, aliados à crítica ao “querer conhecer”, embate direto com a tradição racionalista ocidental. Situações que selecionamos como demonstrativos de uma trajetória que buscava uma formação de si e da sociedade, tendo em vista uma vida particular e social livre e autônoma. Sinais diretamente associados a certa concepção de saúde.

Destacamos a compreensão de Nietzsche de que Bayreuth seria um espaço de elevação da cultura alemã; com Malwida von Meysenbug, Reinhardt von Seydlitz, Paul Reé e Albert Brenne, Nietzsche vive a constituição de um “monastério para espíritos livres”, experiência que evidencia não apenas uma disposição para filosofar, mas de tornar a filosofia “modo de vida”. Acontece o processo mais acentuado de crítica a Richard Wagner e Schopenhauer;

---

<sup>22</sup> Cf. DIAS, Rosa Maria. *Amizade estelar: Schopenhauer, Wagner e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Imago, 2009, p. 47.

situações ocorridas em um momento de dor, mas aponta para a *superação de si*. O caminho para a saúde perpassava pelo enfrentamento a um modelo de sociedade que massifica os comportamentos. Buscar uma educação pela arte, que para Nietzsche se trata, sobretudo, da formação musical, remete a um esforço de autossuperação que extrapola interesse e ocupação apenas por si mesmo, mas, como vimos, um modo de confrontar uma coletividade doentia, quando nestas, ontem e hoje, prevalece o comportamento gregário. Desse modo podemos questionar a partir de Nietzsche: como a arte pode transfigurar uma situação política e social doentia? Ela distorce o real, mostra que é preciso e possível estabelecer outros mundos; como um artista que brinca, que cria; a arte contribui para remexer o estabelecido e gerar possibilidades; pode agir, ainda, simplesmente como um fármaco que torna a vida possível, não para alienar da realidade, mas para nos ajudar a suportá-la.

A atual Pandemia contribuiu, em alguma medida, para acentuar os preconceitos arraigados na cultura e demarcar a necessidade de reavaliarmos até que ponto estamos mais próximos da sanidade ou insanidade. Posição válida tanto no século XIX, quanto atualmente, diante da necessidade de agirmos na conjuntura de uma sociedade onde diversas manifestações patológicas definham a vida, tais como o embate deliberado a determinados grupos sociais: negras (os), mulheres, comunidade LGBTQIA+, índios, pobres, moradores de rua, a naturalização da violência, dentre outros; onde se evidencia a dificuldade de conviver com a diferença e de manter a estrutura social marcada por um pensamento dominante, normalmente conservador, sobretudo do ponto de vista dos costumes. Como afirmamos no início, as cartas de Nietzsche não mantêm relação direta com tais problemas atuais, mas contribuem, no nosso entendimento, para refletirmos a *necessidade de intempestividade*, de estar no presente, mas questioná-lo e projetarmos criativamente o porvir, combatendo as fissuras que debilitam a nossa atual visão de mundo.

### Referências bibliográficas

ANDRADE, Daniel Pereira. *Nietzsche - a experiência de si como transgressão (loucura e normalidade)*. São Paulo: Annablume, 2007.

BURCKHARDT, Jacob. *Reflexões sobre a história*. Tradução de Leo Gilson Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.

\_\_\_\_\_. *Cartas*. Seleção e edição de Alexandre Dru. Tradução de Renato Rezende. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

CAVALCANTI, Anna Hartmann. Introdução a obra *Richard Wagner em Bayreuth*, p. 15. *Quarta consideração extemporânea* de Friedrich Nietzsche. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

DENAT, Céline. “A filosofia e o valor da história em Nietzsche. Uma apresentação das Considerações Extemporâneas”. *Cadernos Nietzsche*, n. 26, 2010.

DIAS, Rosa. *Amizade estelar: Schopenhauer, Wagner e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Imago, 2009.

ESTELITA-LINS, Carlos. *Ainda sobre os enigmáticos bilhetes de Frederico Furioso em seus últimos dias de Turim*. In: OLIVEIRA, Marina Gomes de & DIAS, Rosa Maria (Org.). *Nietzsche e as cartas*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

GILMAN, Sander. L. *Difference and pathology: stereotypes of sexuality, race and madness*. Ithaca: Cornell University Press, 1994.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia, 2005.

JANZ, Paul Curt. *Friedrich Nietzsche*. 4 vols. Trad. Jacobo Muñoz. Madrid: Alianza, 1987.

JULIÃO, José Nicolao. *Carta sobre a doença e a imprecisão do diagnóstico de Nietzsche*. In: OLIVEIRA, Marina Gomes de & DIAS, Rosa Maria (Org.). *Nietzsche e as cartas*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

KURY, Mario da Gama. *Dicionário da filosofia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MARQUES, Antonio. “No fundo sou todos os homens da história”: *Nietzsche: Os vinte anos fundamentais a partir de suas cartas*. Círculo de Leitores, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. “David Strauss: El confesional y el escritor”. In: *Consideraciones Intempestivas*. Tradução E. Ovejero e F. González. Madri: Aguilar, 1932.

\_\_\_\_\_. *Digitale Kritische Gesamtausgabe von Nietzsches Werken und Briefen*. Edição organizada por Paolo D'Iorio, baseada na edição crítica de G. Colli e M. Montinari e publicada pela Nietzsche Source. Edição eletrônica. Acesso em 01/04/2020.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. *Considerações extemporâneas*. In: *Obras incompletas*. Coleção: Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_. *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*. In: *Os Pensadores*, Ed. Abril Cultural. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 1999.

\_\_\_\_\_. *Sobre os nossos estabelecimentos de ensino. Escritos sobre educação*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo, Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. *Escritos sobre educação* (Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino: III Consideração intempestiva – *Schopenhauer como educador*). Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho, 2. ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. *Correspondencia III Enero 1875 – Diciembre 1879. Traducción, introducción, notas y apéndices de Andrés Rubio*. Editorial Trotta, Madrid, 2009.

\_\_\_\_\_. *Richard Wagner em Bayreuth. Quarta consideração extemporânea*. Tradução de Anna Hartmann Cavalcanti. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra, um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mario da Silva. 18ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

\_\_\_\_\_. *Correspondencia IV Enero 1880 – Diciembre 1884. Traducción, introducción, notas y apéndices de Marco Parmeggiani*. Editorial Trotta, Madrid, 2010.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *Schopenhauer como educador: considerações extemporâneas III*. Tradução, apresentação e notas de Clademir Araldi. São Paulo, Martins Fontes, 2020.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche: biografia de uma tragédia*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche. Biographie seines Denkens*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2005.

SALOMON, Richard G.; GLASS, Andrew. *A Gāndhārī Version of the Rhinoceros Sūtra: British Library Kharoṣṭhī Fragment 5B*. University of Washington Press, 2000.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. Tradução: Jair Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2001.

SILVA, Iracema Maria de Macedo Gonçalves da. *Nietzsche, Wagner e a época trágica dos gregos*. Tese de Doutorado. Unicamp: Campinas, 2002.

VERNANT, J.P. & VIDAL-NAQUET. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. Trad. Anna Lia A. de Almeida Prado et al. São Paulo, ed. Perspectiva, 1999.

WAGNER, Richard. *Beethoven. Dichtungen und Schriften*, vol. IX. Ed. de Dieter Borchmeyer. Frankfurt am Main: Insel, 1983.